

# Um Lugar Melhor

Lucas Zanella

Houve três batidas na porta, geralmente aconteciam às nove da manhã, mas naquele dia foram às oito e cinquenta e sete. Ele estava no banheiro, lavando o rosto e escovando os dentes. Verônica abriu a porta e encontrou a cama desarrumada.

– Renan – chamou-o.

– Aqui – ele respondeu, do banheiro, com a boca cheia de espuma.

– Você precisa tomar o seu remédio – Verônica falou e ouviu-se o barulho da bandeja de metal pousando no bidê.

Renan pegou o copo que estava logo ao lado da pia da torneira e encheu-o de água. Verônica chamou-o outra vez e ele apareceu no quarto, ela já estava esperando de modo impaciente – tinha a mania de cruzar os braços para demonstrar isso. O garoto pegou as pílulas com uma mão trêmula e encarou-as com uma dúvida matinal.

Um som de choro saiu da garganta, mas havia tempos que não chorava de verdade.

– Eu não quero – argumentou.

Verônica revirou os olhos e sentou na cama, à espera.

– Quantas vez já falamos disso? – perguntou. – São ordens do médico, agora vai lá, não é só você que mora aqui, sabia?

– Eu sei – ele disse com voz arrastada.

Ela o afagou a cabeça e examinou os fios dourados do cabelo.

– Precisamos marcar um corte para você – informou. – Vou falar com a cabeleireira depois mais, e dessa vez não tem escapatória.

A isso Renan não respondeu, apenas pegou as pílulas e pôs a primeira na boca; demorou alguns dez segundos até que tomasse a coragem de engoli-la com água. A última foi mais fácil.

– Quero ver! – Verônica falou com uma voz imperativa e Renan abriu a boca para ela. – Muito bom. Sabe que isso é para o seu bem, provavelmente é para a dor de cabeça, mas não tenho certeza. Você quer ter dor de cabeça?

– Não – ele disse e bebeu o resto da água no copo.

Ela pegou a bandeja e se levantou da cama, caminhou em direção à porta, parou e olhou para trás.

– Por que não sai para fora, hein? Está um bom dia para brincar com as outras crianças.

Ele assentiu sem vontade, mas ela não demonstrou ter notado. Deixou a porta aberta ao sair, e Renan levou o copo de volta para o lado da pia do banheiro. Arrumou ele mesmo a sua cama, para se demorar um pouco mais no quarto, e no fim a dele era a única já bem alinhada.

Ele tirou o pijama e vestiu uma roupa quente, depois abriu a janela para sentir o frio e pegou um casaco que estava em seu armário – nem se lembrava como o tinha, talvez presente da própria Verônica. A memória era algo que não funcionava muito bem.

Deu um último suspiro antes de sair do quarto. Nele havia quatro camas no total, duas num dos lados e duas do outro, bem alinhadas. A camareira entrou para deixar tudo arrumado e nisto Renan saiu.

Algumas das mulheres deram-lhe sorrisos encorajadores enquanto ele andava pelo corredor branco. Eram sorrisos que diziam “sim, você deve sair um pouco”. Ele não gostava muito de sair, e só acordava porque devia tomar seus remédios, não fosse isso dormiria o dia inteiro, ou então a semana, ou mesmo o ano. Não havia muita coisa para fazer fora do quarto além de assistir televisão.

E a televisão estava quase sempre em desenhos animados idiotas que não valiam a pena assistir. Exceto às quintas, pois todas as outras crianças estavam para fora, no *playground*. Ele pegou o controle e se arrastou para o sofá, Doroti lhe acenou e ele acenou de volta para a mulher, então ligou o aparelho e colocou num canal de documentários. Era o melhor que havia no pacote que o orfanato tinha.

Isso porque os canais de filmes apenas passavam comédias inúteis e romances sem muita novidade. Renan se esparramou no sofá, e puxou uma almofada para pôr sob a cabeça e deitar; desconfortavelmente, mas deitar mesmo assim.

Perto do meio-dia, algumas das crianças começavam a voltar para o prédio, suadas e rindo como se a brincadeira não tivesse terminado. Renan não gostava muito delas, mas não sabia a razão. Quando uma das mulheres lhe pediu o controle para colocar em algo que todos gostassem de assistir, ele o entregou e saiu da sala.

Gostava de andar pelo pátio quando todos estavam dentro do prédio, era melhor ficar sozinho. O orfanato era grande em extensão, e era circulado por uma passarela branca que tinha dos lados algumas flores. Na grama havia árvores tão grandes quanto o prédio, e de folhas tão verdes quanto os olhos de Renan.

Circulou a *casa* duas vezes, apesar de tanto o fazer, nunca se enjoava de ver os tijolos laranjas e bem colados que a formavam, e olhar para cima tentando achar onde acabava a parede era um passatempo. Possuía uns três andares, todos com crianças e adolescentes, mas Renan raramente ia para os outros andares, morava no primeiro.

– Renan Possoni, você não deveria estar aqui! –

informou o cozinheiro, ou o Rei da Cozinha, como dizia ser conhecido na cidade natal. Disso Renan duvidava muito.

– Isso nunca me impediu de vir para cá – argumentou.

– Tem razão – riu Moisés. – Só não toque em nada, ok?

– Ok – concordou. – O que está fazendo?

– No momento? Preparando uma boa carne para vocês comerem, depois vou cuidar da salada, mas não antes de ter arrumado esse cara.

Havia umas quatro panelas sobre o fogão, Moisés cuidava de todas com atenção. Não se virou para Renan nenhuma vez.

– O que está fazendo aqui? Por que não vai brincar com os outros garotos? – jogou algum tempero em duas das panelas.

– Eles já pararam de brincar, já voltaram para dentro.

– E por que não foi com eles antes?

– Porque eles não são legais. E aqui dentro é muito melhor. Tem alguém vindo – informou ao ver um homem se aproximando pela porta que usou para entrar, vinha uma linha da rua até a grande passarela do orfanato.

– Deve ser as verduras. Diga para ele as colocar ali naquele canto – apontou um pouco ao longe, sem nem mesmo olhar para o lugar.

Renan obedeceu, e esperou em frente a porta o homem

gordo chegar com um caixote de onde saía verde que não acabava mais. Apontou para o homem onde ele deveria pôr o caixote e ele colocou no local indicado sem falar uma só palavra. Ao sair, apenas deu uma arrumada na boina que usava, era pequena demais para a sua cabeça.

– E feche a porta – gritou Moisés, Renan fechou-a e voltou para a cozinha, sentou sobre uma mesa desocupada com a ajuda de um banco. – Ele chegou bem a tempo, mais um pouco e não teríamos a tal salada.

Moisés girou alguns botões no fogão e pegou um pano branco de cima de uma das mesas, passou-o no rosto suado e bufou com dificuldades. Pegou uma grande alface e levou-a para uma outra mesa, a que tinha um pano.

– *Lactuca sativa* – falou bem humorado. Renan não entendeu, mas sorriu quando Moisés o olhou.

O cozinheiro não era gordo como o entregador do caixote, mas tinha uma barriga típica para a idade e a profissão. Lavou as mãos e depois lavou a verdura, demorou algum tempo até que voltasse para a mesa.

– Já que não vai embora, pode ser útil. Jogue-me o escorredor – ele jogou. – Muito bem. E você fica aqui por algum tempo – disse para a alface e voltou-se para Renan. – O que vai fazer à tarde?

– Não tenho certeza – Renan respondeu. – Assistir televisão, se me deixarem. Por quê?

– Nada não – respondeu e secou as mãos. – Só fiquei sabendo que vai vir um grupo religioso para cá e pensei que fossem te convidar.

Renan deu de ombros.

– Ninguém me disse nada. O que é isso?

– Bom, você vai descobrir caso te chamem – Moisés respondeu. – Mas, se te chamarem, posso garantir que eu vou aparecer em alguma conversa, então fique de olho! – ele piscou, empurrou o nariz para o lado com o indicador e então apontou para Renan.

Ele pegou outra panela que estava numa portinhola abaixo das pernas de Renan e colocou-a numa das bocas livres do fogão, depois de enchê-la com um pouco de água. Pôs um pouco de óleo.

– Por que você não gosta das outras crianças? – perguntou. – Por que não os acha legais?

Renan esperou até que ele jogasse o arroz e o sal na panela para responder, ficava sempre fascinado com a naturalidade que Moisés se virava na cozinha. Como se realmente fosse seu rei.

– Eles simplesmente não são legais. Sempre correndo



de um lado para o outro, e eu nunca consigo acompanhá-los, minha cabeça começa a girar sempre, sempre, sempre!

– Então o problema não é com eles – concluiu Moisés, estava escorado numa das mesas em frente a Renan.

– Parece que não. Deve ser por conta do...

– Do acidente? – perguntou ele. – Por que acha isso?

– Eu não sei, e o médico também não me diz nada. Nem sei para que são os remédios que tomo todo dia.

Do acidente Renan pouco se lembrava, apenas um grito, o som de uma freada e luzes de teto brancas que passavam correndo, também havia um constante e irritante barulho de *bip... bip... bip... bip*.

– Renan! – Moisés o chamou com a voz erguida e ele voltou à realidade. Geralmente se desligava do mundo e ficava submerso em lembranças das quais não se lembrava. Também acontecia enquanto observava Moisés trabalhar no seu reino; ele dissera que era uma coisa engraçada, apenas os olhos de Renan se moviam e o queixo caía.

– Desculpe.

– Tudo bem. Agora vai embora, você precisa estar lá para comer. E não quero que sinta o delicioso cheiro da minha comida antes da hora – Moisés disse ao levantar Renan e levá-lo no colo.

– Tarde demais – brincou o garoto. As portas atrás dele iam e vinham até que ficassem paradas, mas conseguiu ouvir a risada de Moisés.

As crianças ainda estavam nos sofás da sala, encarando a televisão com a mesma expressão que Renan fazia durante seus apagões, pelo menos era o que ele acreditava. E se fosse remotamente igual, Moisés tinha razão, era engraçado.

Quando a hora chegou, Verônica apareceu para levar o grupo para almoçar. Acontecia sempre numa sala grande onde havia três mesas longas, Renan gostava de se sentar na mesa do canto, bem no fundo. Ninguém parava de conversar mesmo enquanto comiam, e as únicas pessoas que puxaram assunto com Renan foram os gêmeos Morais.

Conversaram um pouco sobre o que fariam à tarde. Os irmãos eram os únicos com os quais Renan conversava, e não era tanto assim. Era apenas... o suficiente. O suficiente para que houvesse alguma espécie de amizade entre os três. Em todos os casos, a amizade não era tanta, Renan nem mesmo sabia diferenciar Daniel de Diego, por isso sempre evitava falar seu nome ao conversar com um dos gêmeos. E quando apenas um deles puxava assunto no corredor ou na sala, chamava-o de Morais, assim abrangia os dois. Os gêmeos não pareciam notar a confusão de Renan.

Quando quase todos já haviam saído da sala, Renan ainda estava lá, terminando sua comida. Gostava de ser o último a sair.

– A gente se vê à tarde? – perguntou um dos Moraes.

– Claro! – ele respondeu com um sorriso no rosto.

Os dois saíram ao mesmo tempo e brevemente ele estava sozinho. Quando saiu, viu no relógio que já era uma e meia da tarde. Ficou no quarto lendo um livro que pegou da estante da sala a maior parte do tempo. Não havia muita coisa para fazer além disso, mesmo as outras crianças estavam entediadas.

Foi apenas lá pelas três da tarde que ele foi levado de volta ao mundo pelo barulho de um motor. Uma van havia parado na frente do orfanato, e dela saíam algumas poucas pessoas que se dirigiam ao prédio alaranjado. Curioso por natureza, Renan saiu do quarto e seguiu até a entrada, onde ficou num canto, meio escondido, para ver quem eram aquelas pessoas. Verônica apareceu novamente, para cumprimentá-los.

– É um prazer que tenham vindo – ela disse.

– Nós agradecemos muito terem deixado que viéssemos, não são muitas instituições que permitem encontros.

O homem em preto que apareceu era seguido por quatro

pinguins. As mulheres andavam engraçado, e o homem em preto era jovial e sorria sempre que alguém lhe dirigia a palavra, como se estivesse feliz apenas em ouvi-los. Verônica conduziu as mulheres para uma outra parte do orfanato, e o homem deu uma boa olhada ao redor, admirando o local, até que seus olhos caíram sobre Renan, ainda parado num canto.

Ele se aproximou e se ajoelhou para falar com ele *olho-no-olho*.

– Olá, meu garoto, como está?

– Bem – respondeu com timidez.

– Você por acaso irá ao nosso encontro, hum? – perguntou o homem.

– O que é esse encontro?

– Bom, nós vamos falar sobre alguém muito especial, e que te ama muito. Por que não se junta a nós, hein? Alguns dos seus amigos virão também.

O garoto concordou, e depois que o homem saiu, ele o seguiu até a sala para onde foram. Era um cômodo de tamanho médio com algumas cadeiras que eram arrumadas pelas mulheres. As pessoas começavam a aparecer aos poucos, os Moraes também chegaram depois e sentaram-se nos dois lados de Renan.

– Olá a todos – falou o homem para o grupo. – Eu sou o

Padre Gustavo, essas são as Irmãs Maria, Carla, Josefina e Augusta.

As cadeiras formavam um círculo, o padre se sentou num lugar que era bom para Renan olhar, e as irmãs sentaram ao seu lado. Mais três pessoas entraram na sala, duas adolescentes requintadas e um garoto de cabelo curto e arrumado com perfeição. Pediram desculpas pelo atraso.

– Por acaso as reuniões serão semanais? – perguntou o garoto, arrumando um livro grosso sobre o seu colo. – Ou então mensais, ao menos? Sabe, não podemos ir à igreja sempre por conta da escola, e...

O padre levantou a mão para o interromper.

– Sim, meu irmão, as reuniões serão semanais. Começaremos o estudo bíblico noutro dia, hoje quero saber sobre vocês. E já gostaria de deixar avisado que talvez não será eu que virá nas próximas reuniões, apenas as Irmãs! Por que não começamos com cada um dizendo seu nome, hum?

Todos do círculo falaram seus nomes. Renan falou baixo demais e o padre pediu para que repetisse.

– E quantos de vocês sabem por que estamos aqui? – algumas poucas pessoas levantaram as mãos, apenas os adolescentes e algumas das crianças mais velhas. O padre olhou para Renan e viu que suas mãos estavam imóveis.

Uma das Irmãs resolveu se juntar.

– Por acaso algum de vocês já foi à igreja algum dia?

Ou pelo menos que se lembre?

Um grupo um pouco maior levantou a mão, mas Renan não moveu a sua. O padre e as Irmãs também perceberam isso.

Depois que toda a apresentação foi concluída e o padre falou por algum tempo, as pessoas começaram a ir embora. Gustavo chamou Renan para conversar enquanto as irmãs se preparavam para deixar o prédio.

– Percebi que não participou muito da conversa – ele disse. – Por que isso?

– Não costumo conversar – ele respondeu olhando para baixo.

– O que aconteceu com você, Renan? Sabe por que está aqui? – o padre perguntou com a mesma voz calma que usava toda hora que falava.

– Meus pais morreram num acidente de carro – contou o que sabia. – Então depois vim para cá.

– Eu lamento muito pelo que aconteceu, Renan. Tenho certeza de que Deus tem muitos planos para você, meu garoto. Saiba que algum dia você irá os encontrar de volta, hein!

– Eu irei? – ele perguntou.

– Mas é claro. Deus não tira as pessoas de nós sem a

intenção de devolvê-las mais tarde. Ele é justo e toma conta de nós, mesmo em morte.

– Como?

– Bom, depois que morremos, nós vamos para um lugar especial, no céu. É um lugar de paz e alegria, onde todos aqueles que ama estão te esperando. Então você irá encontrá-los novamente algum dia, Renan. Não há razão para ficar tanto tempo de luto, está na hora de conversar com os outros, fazer amigos, hora de viver.

– Eles estão esperando por mim? – perguntou sem acreditar.

– É claro que eles estão. E quando chegar a sua hora, eles irão lhe acolher de braços abertos. O Paraíso é um bom lugar para se viver, e eles estarão muito confortáveis até que você chegue. Agora cabe a você fazer da sua jornada aqui boa para você antes de ir para lá.

– E como é esse lugar?

O padre sorriu e se ajustou na cadeira.

– É maravilhoso. É o lugar mais lindo que você jamais verá. É todo branco, e há anjos voando por toda parte. O chão é feito de nuvens e o teto é tão azul quanto o céu que vemos daqui. Há até mesmo lagos com a água mais pura que existe. E todos vão para lá algum dia. É... um lugar melhor!

– Padre? – uma das Irmãs chegou e o chamou para ir.

– Até a próxima semana, Renan. Espero que volte a se juntar a nós, temos que começar a ler um livro muito importante para a humanidade, e tenho certeza de que você se interessará por ele! – Gustavo saiu após afagar a cabeça dourada do garoto.

Mesmo após todos terem saído, ele continuou no meio do círculo de cadeiras, olhando para a porta por onde todos foram. Sentia uma boa sensação, que vinha direto do peito, como uma espécie de comichão. Naquela noite ele dormiu mais cedo, e sonhou com os pais; ao menos pensou que fossem os pais, mas nunca os viu de verdade. Tudo o que tinha era uma foto dos dois junto de um bebê (que Renan entendia ser ele próprio), e embora fosse uma boa foto, não era a mesma coisa que uma lembrança.

E de lembranças tudo o que Renan tinha eram fragmentos, e não de uma boa situação. Saber que os encontraria novamente era algo bom, pois tinha tanto para perguntar e para falar, mas mais do que tudo apenas queria ouvir suas vozes, ver se eram iguais às que tinha em mente.

À noite ele acordou, olhou no relógio que era de madrugada, mas o sol ainda estava longe de aparecer. Fora o primeiro a dormir naquele dia, e por isso a janela estava aberta



(era ele quem sempre a fechava, pois os outros esqueciam e ele dormia por último). Afastou as cobertas e se levantou sem fazer barulho, andou nas pontas dos pés até o peitoril e se debruçou para observar o céu estrelado.

Observou-o pensando que seus pais estavam lá em cima, observando-o, esperando por ele. Não queria esperar muito tempo para vê-los, sua vontade de tocá-los e abraçá-los era imensa. Não sabia nem mesmo se conseguiria esperar até o próximo encontro com o padre Gustavo.

Naquela noite Renan dormiu melhor e com mais vontade, não acordou no meio da noite. Às nove em ponto tomou o seu remédio, logo depois de escovar os dentes, como acontecia todos os dias. Depois que foi deixado sozinho, procurou pelas escadas do orfanato.

Encontrou-as atrás de uma porta, num quartinho que claramente não era usado para outra coisa. Eram escadas simples, e ele subiu a primeira leva até o segundo andar. Antes de poder pôr o pé no degrau que o levaria para o terceiro, ouviu um ruído baixo, um murmúrio. Parou com a mão no corrimão, apurando os ouvidos para captar o que quer que tenha ouvido antes.

Era uma vozinha aguda e baixa, mas podia-se perceber

que pertencia a uma garota e vinha de algum dos quartos. Mordido pela curiosidade, ele entrou no grande corredor e começou a olhar porta em porta, para achar a dona do som e ver o que acontecia. Era um corredor semelhante ao de baixo, e apenas alguns dos quartos pareciam ser levemente diferentes, com camas em posições aleatórias e alguns até com pôsteres na parede.

No quarto em que achou a garota, havia um beliche e uma cama de solteiro. Um banquinho estava caído e alguns cacos de vidros estavam espalhados pelo chão, a moça pressionava o rosto contra o chão, sem forças para se levantar.

– Você tá bem? O que aconteceu? – Renan correu até a garota.

Sua voz era nada mais que um sussurro doloroso.

– Caí, como uma estúpida – ela xingou. – Por favor, chame alguém, eu não aguento mais... minha perna!

Com o coração agitado, ele concordou e saiu correndo do quarto. Desceu as escadas para o primeiro andar com rapidez e olhou para todos os lados, à procura de ajuda. Quando se mais precisava das muitas mulheres que tomavam conta do orfanato, nunca as achava.

Ele foi para fora, mas lá só havia crianças. Quando estava voltando para dentro, correndo e descontrolado,

esbarrou em Verônica, que também se alarmou com o desespero de Renan.

– O que aconteceu? – fez a mesma pergunta que o garoto.

– Tem uma garota caída no segundo andar, acho que ela quebrou a perna – falou rápido que temeu que a mulher não o fosse entender.

– Tudo bem, Renan, se acalme. Eu vou lá olhar isso de perto, ok? – ela disse com calma e foi para o corredor. Renan a seguiu.

Cada degrau pareceu uma eternidade, quando antes foram tão rápidos de passar, e insignificantes. Apontou o quarto em que encontrou a moça, e Verônica soltou um leve murmúrio e se aproximou dela, puxou-a com gentileza e a ajudou a andar até a cama, onde a sentou. Puxou do bolso um celular e ligou para outro que trabalhava lá, pediu para que ele preparasse o carro e mandasse alguém para a ajudar ali no segundo andar.

Muito logo um homem apareceu, e levou a garota nos braços, com cuidado extra ao descer as escadas. O carro de um dos funcionários já estava ao lado do prédio, esperando, e ninguém falou nada quando Renan entrou junto.

A garota tinha uma expressão dolorosa mesmo de se ver, e olhava para a perna constantemente.

No hospital, tudo aconteceu rapidamente, Verônica saiu do carro e foi falar com alguém lá dentro, enquanto isso o homem que trouxera todos saiu para abrir a porta da moça e esperar por alguém ou alguma coisa.

– Vamos lá, isso é o melhor que posso fazer – apareceu uma enfermeira com uma cadeira de rodas velha.

As luzes do teto eram familiares a Renan. E depois viu que estavam num quarto de hospital, não tinha certeza de quanto tempo havia passado. Um médico apareceu para falar com Lídia, a garota, e mostrou um raio x de sua perna.

Puseram-lhe na perna um gesso e depois o médico foi para o quarto novamente.

– Então como foi que isso aconteceu? – perguntou ele.

– Eu estava tentando trocar a lâmpada, parece que não deu muito certo – deu um sorriso de canto de boca.

– Você tem sorte, pois isso poderia ter sido muito pior. Não se preocupe, logo você vai poder voltar para casa, mas terá de ficar aqui por mais algum tempinho, queremos ter certeza de que não ocorrerá nada pior.

– Tudo bem – ela disse.

O médico foi embora para não voltar tão cedo, e Verônica foi falar com uma das recepcionistas do hospital. Renan ficou com Lídia no quarto.

– Você não odeia hospitais? – ela perguntou para ele.

– Não sei – ele respondeu. – Você odeia?

– Um pouco, sim. Talvez seja o cheiro, nas paredes, no ar, até no travesseiro – ela virou a cabeça e sentiu o aroma da fronha sob a cabeça. – Mas hospitais não são feitos para serem um bom lugar. Deve ser algo como um exercício para o cérebro: já que não é um bom lugar para se ficar, deve-se curar rápido para poder dar no pé. Obrigada por ter me ajudado, Renan.

– Ainda bem que eu estava lá – ele respondeu.

– Isso é verdade – Lídia riu. – Se não fosse você, teria ficado lá por pelo menos mais uma hora, até que os outros começassem a voltar da escola. O que você estava fazendo lá, afinal de contas?

– Queria ir ao telhado.

– Ah – ela compreendeu. – É um bom lugar, sempre vou lá quando quero pensar, é bom – repetiu.

– Por que você não estava na escola?

– Para falar a verdade, eu fui expulsa. Acabei arranjando uma briga e o diretor não gostou muito. Mas era para ser apenas por três dias, creio que vá ser um pouquinho mais por conta disto aqui – bateu com os nós dos dedos no gesso na perna.

– Por que você está no orfanato?

Ela pareceu desconfortável, mas falou mesmo assim.

– Nós... – começou. – Meus pais eram muito pobres, e eles mal tinham dinheiro para eles mesmos, então que dirá para mim. Meu pai morreu um ou dois anos depois que eu nasci, e minha mãe decidiu que não conseguiria me criar, então ela me deixou na porta do orfanato. Não sei o que aconteceu com ela, mas creio que deva ter... morrido, infelizmente.

– Pelo menos eles estão num lugar melhor – Renan disse, ela deu um sorrisinho simples.

– Eu realmente espero que sim.

Verônica não deixou que ele passasse a noite com Lídia, no quarto, então chamou o mesmo funcionário que os levaram para lá para que o levasse de volta para o orfanato. Quando chegou, já era passado da hora de dormir, embora a luz vindo do segundo corredor ainda estava muito clara. Renan foi para o seu quarto e dormiu após encarar a janela por alguns minutos.

Quando Lídia voltou para o orfanato, acompanhada do ombro de Verônica e do passo cuidadoso do motorista, que andava ao seu lado com os braços abertos para o caso de ela cair, tudo já havia voltado ao normal. Haviam falado sobre o acidente por algum tempo, mas não era exatamente algo fascinante o suficiente para prender a atenção de todos.

– Vamos lá, Lúdia, você já está grandinha demais para eu lhe dizer que precisa tomar os remédios, não acha? – Renan ouviu a voz de Verônica logo da ponta do corredor, o quarto ficava no meio dele.

– Tudo bem, tudo bem, são... Me d um tempo! – a voz de Lúdia era mais baixa.

Quando Renan se aproximou da porta do quarto, Verônica já estava saindo, e Lúdia estava sentada na cama, com a língua de fora e uma cara de desgosto.

– Parece que você também tem que tomar remédios, como eu! – apontou Renan.

– O que é uma pena. Remédios nunca são uma coisa boa – ela se levantou e foi para o guarda-roupas.

– Por que não? – ele perguntou.

– Porque, se você precisa tom-los, quer dizer que há algo te errado em você – ela começou a guardar algumas roupas que havia dobrado e estavam sobre seu colo.

– Mas... também não podem ser uma boa coisa porque eles querem te fazer melhor? – perguntou. – Isso também é uma possibilidade.

– Creio que esteja certo – ela sorriu. – Tente não sentar em nenhuma das minhas camisetas, ok? – Lúdia advertiu quando Renan se sentou na cama. – Arrumei tudo agora.

– Onde estão os outros? – perguntou ao notar o silêncio no andar.

– Alguns devem estar assistindo televisão, outros devem estar fumando, e alguns provavelmente estão trans... ahm... brincando, no pátio.

Ela começou a rir sem emitir som, como se fosse uma piada interna entre ela e ela mesma. Pôs uma mecha do cabelo castanho para trás da orelha e continuou a arrumar suas roupas.

– Já que está aí, me ajude – ela ordenou, e Renan a passou uma das suas pilhas de camisetas.

O que Lília mais tinha de bonito, além do cabelo liso e a pele suave, eram os olhos azuis-claros. Pode ser que a maioria dos garotos, como ela dizia, não a prestavam atenção, mas ela era bonita à sua maneira.

– É bom mexer a perna novamente?

– Muito, mas ela ficou adormecida por mais uma hora depois que estava sem o gesso, e precisei a lavar cinco vezes para ao menos parecer apresentável em um shorts. E são tempos quentes, então isso é importante. Não se preocupe, algum dia você vai entender – ela proferiu ao notar a confusão no rosto do garoto. – Calças.

Renan a passou outra pilha. Apesar de estarem se falando há algum bom tempo, o garoto não conhecia os



companheiros de quarto de Lídia. Não sabia nem mesmo se os vira andando pelos corredores. Hábitos antigos não morrem cedo, Renan não falava com muitas outras pessoas além de Lídia. E ela também não parecia falar com tantas pessoas assim, então, no fundo, pareciam irmãos separados na maternidade, apesar das diferenças físicas.

– E... – ela pôs o dedo sobre os lábios, como sempre faz quando está pensando, e então sorriu. – Pode deixar que eu mesma pego as calcinhas.

Naquela semana, novamente houve um encontro com o padre e as irmãs. Algumas das antigas pessoas não foram, e algumas duas pessoas novas compareceram. Lídia estivera indo junto de Renan nos últimos tempos, e embora ele pensasse que ela faria outra coisa agora que não tinha o gesso, ela fora junto novamente. No fim do encontro, quando todos foram para casa, os dois foram os únicos que ficaram naquela mesma salinha, ainda sentados em suas cadeiras do círculo.

Após algum tempo subiram para o quarto de Lídia, estavam sentados na cama, um de frente para o outro, e as cabeças encostadas na parede, pensativas.

– Você não gostaria de ver seus pais novamente? – Renan perguntou.

– Claro que gostaria. Quem não gostaria?

– O padre disse que nós podemos ver eles no Paraíso, depois que morremos. Eu os quero ver de novo, num lugar melhor.

– É... Eu também! – ela concordou, seus olhos estavam um pouco mais escuros, especialmente a área ao redor deles.

– Eu tinha um plano antes, pra que pudesse ir até eles!  
– contou-lhe.

– Qual era o seu plano? – ela perguntou, e Renan contou.

Não puderam concluir muito daquele pensamento porque os colegas de Lúcia voltaram e Renan saiu do quarto, preferia falar com ela quando estava sozinha. Quando na porta, a garota lhe acenou e pousou a cabeça no travesseiro, pareceu ter dormido no mesmo instante.

Ao descer as escadas, foi direto para o quarto, e lá ficou até que fosse a hora de dormir. Então teve muito tempo para pensar, e pensou em seguir com o plano que há tanto havia sido adiado. Seus pais não teriam de esperar muito tempo mais.

Nos dias que se passaram, ele falou muito com Lúcia a respeito disso, contou o plano por completo, e sobre o que faria depois que se reencontrasse com os pais. Ela pareceu pensar sobre o assunto, e depois de algum tempo disse que queria ir junto de Renan. Se havia uma possibilidade de encontrar a mãe

e o pai em um lugar melhor, onde não seriam pobres ou teriam uma vida ruim, ela queria ir. Era o plano perfeito, e o realizariam quando tivessem uma oportunidade. Mais uma vez, Renan teve o pressentimento de que não iria para o próximo encontro com o padre.

Estava um pouco mais frio naquele dia. Renan tomou seus remédios, e o mesmo aconteceria com Lúdia em algum tempo. Ele esperou e subiu até o segundo andar, onde a encontrou sentada na cama, encarando a parede e aguardando.

Perguntou se ela estava pronta e recebeu uma confirmação. Pararam os dois em frente aos degraus da escada que levava para o terceiro andar, como Renan o fizera mais de dois meses atrás. Não houve nenhuma perturbação quando puseram o primeiro pé, e foi assim até que alcançassem o outro andar.

Era um outro corredor, simples como todos os outros, mas havia uma porta que levaria para um terraço comum, mas que Renan jamais vira antes. Pararam em frente a porta, ambos com as respirações aceleradas, e Lúdia a tentou abrir. Estava emperrada.

Claro que estava, era velha e ninguém subia lá em cima muito. Foi Lúdia quem empurrou a porta com o ombro, foram

necessárias três batidas para que ela se desprendesse e os permitisse passar. Renan a seguiu, e viu como era o pátio e boa parte da cidade, dava para ver muita coisa daquele lugar. Tinha um chão de concreto cinza e um muro pequeno nas pontas, não havia muita coisa além disso.

Lídia soltou uma exclamação de surpresa. Sentou-se no muro, perto da ponta, e observou o além. Renan a seguiu.

– São Lorenzo é lindo – ela disse para ele. – Veja só a perfeição que é, cada prédio alinhado, cada árvore em cada parte, até os carros correm com perfeição, um atrás do outro por uma longa linha.

– Nunca havia visto a cidade por aqui – Renan falou, também admirado.

– Creio que seja uma boa última imagem – Lídia disse e ficou em pé sobre o muro de concreto, Renan juntou-se a ela.

Embora soubesse que tudo acabaria bem, o coração de Renan se debatia dentro do corpo, e a respiração agora falhava, e não acelerava. Um incrível medo passou por sua cabeça, e foi isso o que o fez dar um passo para o lado, pensando em descer.

Mas foi a insólita certeza que ouviu na voz do padre, tanto tempo atrás, que o fez reajustar os pés e respirar fundo. Um homem como aquele não mente, e ele mesmo já disse qual era sua missão na terra: lembrar a todos que há algo além deste

reino da vida.

Sim, lembrar, pois todos, no fundo, já sabem. A missão dele é reascender a chama da verdade que resfolga calmamente nos corações humanos. Virou a cabeça de lado e olhou para Lídia.

– Você está pronta? – perguntou.

– Sim – ela disse com uma voz encantadora.

– Prometa-me que vai me procurar mais tarde – sorriu.

– Eu prometo!

Ela estendeu a mão e Renan a segurou. Juntos, deram um passo à frente, e foram beijados pelo vento rápido que passava por seus rostos jovens, cortando-os de leve.